

Fernando Molica

Alcolumbre, pós-graduado em política como ela é

Ao conquistar a presidência da Codevasp para um aliado, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), comerciante que não chegou a concluir o curso de ciências contábeis, deveria receber o título de doutor em ciência política.

Sua atuação chega ser didática, todos os dias ele ensina como deve agir um expert em política como ela é. É impossível dizer se ele se identifica mais com governos de direita ou de esquerda; pragmático, participa desse universo em busca de conquistas.

O que se diz no Congresso e no Planalto é que a nomeação de um protegido para mandar na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba é retribuição pelo empenho de Alcolumbre em impedir que a CPMI do INSS seja um território ocupado apenas pela oposição.

No início, o presidente Lula (PT) até tentou arrancar de Alcolumbre o compromisso de não instalar a comissão de inquérito. Teve, porém, que se render ao fato político e aceitar

sua criação — mas sem pressa. A instalação do grupo depende da leitura, em sessão do Congresso Nacional, de requerimento assinado por deputados e senadores.

Presidente também do Congresso, o senador pelo Amapá sequer marcou o dia em que isso acontecerá. O governo quer tempo para esfriar um pouco o caso, mostrar providências práticas para a opinião pública e recolher mais evidências de que a roubalheira no INSS correu solta também no mandato de Jair Bolsonaro.

O pedido foi devidamente negociado com Alcolumbre, que já conquistou o direito de mandar na Codevasp, aquela estatal que serve de entreposto para incontáveis emendas parlamentares — uma empresa pública que ninguém quer saber de privatizar. Dá muitos lucros para muita gente.

No sistema político brasileiro, órgãos públicos são grandes repassadores de benesses privadas. Não se cobra de um ministro ou do gestor de um determinado órgão políticas que sejam compa-

tíveis com uma determinada visão de mundo ou com objetivos mais gerais de um governo.

A farra das emendas parlamentares detonou de vez decisões mais estratégicas, que vislumberrassem soluções amplas (como a transposição do Rio São Francisco) em detrimento de arranjos paroquiais (como a distribuição de caminhões-pipa). Diferentemente do que ocorre com pequenas obras, as grandes não podem ser atribuídas a determinado deputado ou senador, não têm dono, são menos rentáveis, inclusive do ponto de vista eleitoral.

A polarização política dos últimos anos consolidou posições mais à esquerda ou à direita. Os que defendem esta ou aquela posição fazem questão de destacar seus pontos de vista, de se diferenciarem do opositor, tratam de se engalfinhar por vias físicas ou virtuais.

O problema é que, no chão do Congresso, isso conta muito pouco. Ajuda na hora do discurso, das lives, dos acenos para os eleitores seguidores da mesma igreja ideológica. Mas o

que conta mesmo são interesses mais concretos.

Cerca de 20% da Câmara se dizem de direita; a esquerda tem mais ou menos a mesma proporção. O grosso, porém, uns 60%, cultiva um viés conservador, mas está sempre atento a oportunidades do lado oposto. Um arranjo, vale ressaltar, construído pelo eleitor, principal responsável pela consolidação do poder.

Presidente-dono do PL, Valdemar Costa Neto foi o fiador da entrada do empresário José Alencar na chapa do operário Lula em 2002, um acordo costurado com José Dirceu. Descobriu o caminho da direita bolsonarista por uma, digamos, questão de mercado — tantos votos não poderiam ficar soltos por aí.

Resolvida a parada da Codevasf, Alcolumbre poderá voltar a se dedicar a conquistar outros espaços, principalmente em agências reguladoras. Trava com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, uma batalha de alta voltagem por nomeações no setor — uma disputa entre catedráticos.

Cláudio Dantas*

Cortem as cabeças, Michelle?

Michelle Bolsonaro mandou demitir Fábio Wajngarten por uma crítica besta numa conversa privada vazada com o propósito de semear a discórdia dentro do núcleo duro do bolsonarismo. Wajngarten é do núcleo duro? É de confiança ou mais um aproveitador? A ex primeira-dama fez bem em cortar sua cabeça?

Antes de ser eleito em 2018, Jair Bolsonaro era um deputado exótico tratado com pouca seriedade pela mídia em geral. Wajngarten foi responsável por mudar essa imagem, ao aproximá-lo dos donos das quatro maiores emissoras de TV do país. Colocou Bolsonaro, não só nas salas dos chefões, mas no palco de programas de grande audiência.

Entrou ao vivo no Teleton com Silvio Santos, foi diversas vezes no SuperPop de Luciana Gimenez, virou capa de várias revistas e jornais tradicionais. Já no governo, mesmo sem cargo

oficial, costurou reuniões, abriu canal com colonistas e repórteres, inclusive críticos a Bolsonaro; no cago de Secom, tentou ao máximo profissionalizar a comunicação.

No 7 de setembro de 2019, levou a Brasília os CEOs das emissoras, colocou Silvio Santos e Edir Macedo ao lado do presidente da República para assistir ao desfile. Na véspera, organizou um bate-papo com lanche no Palácio da Alvorada.

A facada de Adélio

No momento mais grave da história de Bolsonaro, o atentado de 8 de setembro de 2018, Wajngarten foi quem organizou, em questão de poucas horas, a ida do cirurgião Antônio Macedo às pressas a Juiz de Fora e depois a transferência do ainda candidato para o hospital Alberto Einstein.

Nas buscas e apreensões de terminadas por Alexandre de

Moraes contra Bolsonaro, Wajngarten reagiu prontamente, fretando avião e levando a equipe de advogados para Brasília. Quando da internação emergencial de Bolsonaro em Manaus, no ano passado, operacionalizou sua remoção com resgate aéreo a pedido da equipe médica.

Meses atrás, articulou a contratação de criminalistas renomados, tanto para Bolsonaro como para Braga Netto, e mantinha diálogo com integrantes do Supremo, sempre buscando reduzir a pressão sobre o ex-presidente num ambiente tão inóspito que, por pouco, não virou réu também na trama golpista.

Wajngarten tem um jeitoão que assusta no início, fala o que outros assessores próximos não têm coragem. Não é fonte de ninguém, embora fale com todo mundo. Tem uma dedicação quase obsessiva por Bolsonaro e acredita como poucos em sua reabilitação política. Vive para

esse projeto político há anos, mas não precisa dele para viver.

Se Bolsonaro quiser que Michelle seja a sua candidata, aposto que o ex-secretário faria tudo de novo para ajudá-la e até blindá-la dos ataques que virão. Faria isso com quem quer que o ex-presidente indique em seu lugar, caso permaneça inegável. Sobre a piada infeliz com Lula, é só isso: uma piada infeliz.

Até porque, como judeu, Wajngarten abomina a política de Lula e da esquerda em relação ao sionismo, o apoio a grupos terroristas e acenos a ditadores de toda espécie.

Michelle deveria rever o Levítico 19:18 que diz “não procurem vingança nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo”. Eu faço como em Atos 4:20, “porque não podemos deixar de falar daquilo que temos visto e ouvido”.

***Jornalista**

Marcos Miranda*

O cuidado com a saúde mental

Vivemos em uma sociedade marcada pela pressa, pela cobrança constante de produtividade e pela exposição excessiva às redes sociais. Nesse cenário, não é surpresa que as crises de ansiedade tenham se tornado um dos problemas de saúde mental mais comuns da atualidade. Elas são o reflexo de um mundo que exige demais e acolhe de menos, que valoriza o desempenho, mas negligencia o bem-estar emocional.

As crises de ansiedade se manifestam de forma intensa e muitas vezes assustadora. Taquicardia, falta de ar, sudorese, sensação de desmaio e medo extremo são alguns dos sintomas que invadem o corpo de forma repentina. Para quem nunca passou por isso, pode parecer exagero, mas para quem sofre, é uma experiência profundamente angustiante — e real.

O que poucos entendem é que essas crises não surgem do nada. Elas são o acúmulo silencioso de pressões, medos, traumas e sobrecargas emocionais. Infelizmente, vivemos em uma

cultura que ainda trata o sofrimento psíquico como fraqueza, dificultando o acolhimento e o tratamento adequado. Muitas pessoas, por vergonha ou falta de informação, deixam de procurar ajuda e acabam enfrentando sozinhas uma dor que poderia ser amenizada com apoio e cuidado profissional.

É fundamental reconhecer que a saúde mental é tão importante quanto a saúde física. As crises de ansiedade não podem mais ser ignoradas ou minimizadas. Precisamos falar sobre

elas com responsabilidade e empatia, promovendo o acesso à psicoterapia, à medicina especializada e, acima de tudo, a uma escuta sensível.

Mais do que tratar as crises, é urgente repensar o estilo de vida que estamos levando. Precisamos desacelerar, valorizar o autocuidado e resgatar conexões humanas mais verdadeiras. A ansiedade pode ser um grito do corpo e da mente, pedindo um modo de viver mais leve, mais humano.

***Jornalista**

EDITORIAL

A importância cultural do patrimônio histórico

A preservação do patrimônio histórico possui uma importância cultural imensurável, pois representa a memória coletiva de um povo, refletindo sua identidade, valores, tradições e trajetória ao longo do tempo. Cada edifício, monumento, sítio arqueológico ou bem cultural imaterial carrega consigo histórias que ajudam a compreender a formação da sociedade, suas conquistas, desafios e transformações. Ao proteger o patrimônio histórico, estamos também valorizando as raízes culturais que moldam o presente e inspiram o futuro.

O patrimônio histórico é uma expressão concreta da diversidade cultural. Igrejas, casarões, centros históricos, ruínas e obras de arte são exemplos de bens que representam estilos arquitetônicos, modos de vida e manifestações artísticas de diferentes períodos. Preservá-los é garantir que essas expressões culturais permaneçam vivas para as gerações futuras, servindo como ferramentas educativas e formadoras de consciência crítica. Além disso, o patrimônio contribui para a valorização do espaço urbano, promovendo o sentimento de pertencimento da população ao seu entorno.

A cultura não é estática, e o patrimônio histórico, ao mesmo tempo que carrega o passado, se renova através do diálogo com a atualidade. Museus, centros culturais e espaços restaurados que abrigam eventos e manifestações contemporâneas são exemplos de como o patrimônio pode ser reativado e ressignificado. Esse processo estimula o turismo cultural, movimenta a economia local e fortalece o desenvolvimento sustentável das cidades.

No Brasil, país de dimensões continentais e rica diversidade cultural, a preservação do patrimônio histórico é ainda mais relevante. Instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) atuam na identificação, tombamento e proteção de bens culturais em todo o território nacional. No entanto, a participação da sociedade civil também é fundamental. A consciência coletiva sobre a importância do patrimônio estimula ações de conservação, combate à depredação e valorização da história local.

Portanto, preservar o patrimônio histórico é mais do que conservar construções antigas; é manter viva a cultura de um povo, fortalecer a identidade nacional e promover o diálogo entre passado, presente e futuro. É, enfim, um ato de respeito à memória coletiva e um investimento na construção de uma sociedade mais consciente, plural e humanizada.

Os cuidados com a saúde e com o corpo

O consumo excessivo de açúcar pode trazer diversos males à saúde, afetando o bom funcionamento do organismo e contribuindo para o desenvolvimento de várias doenças. Embora o açúcar seja uma fonte rápida de energia, seu uso em excesso está associado a impactos negativos tanto no curto quanto no longo prazo.

Um dos principais problemas é o aumento do risco de obesidade. O açúcar, especialmente quando presente em bebidas açucaradas e alimentos ultraprocessados, contribui para o acúmulo de gordura corporal, já que eleva rapidamente os níveis de glicose no sangue, gerando picos de insulina. Esse processo estimula o armazenamento de gordura, especialmente na região abdominal, e pode levar ao ganho de peso progressivo.

Outro efeito prejudicial é o aumento do risco de diabetes tipo 2. O consumo constante de açúcar exige do pâncreas uma produção contínua de insulina, o que pode

levar, com o tempo, à resistência à insulina e à elevação dos níveis de glicose no sangue. Além disso, o excesso de açúcar está ligado a alterações no metabolismo, contribuindo para disfunções hormonais e inflamações crônicas.

O açúcar também afeta a saúde bucal, favorecendo o surgimento de cáries, pois serve de alimento para bactérias que atacam o esmalte dos dentes. Na saúde cardiovascular, o consumo excessivo de açúcar pode elevar os níveis de triglicerídeos e colesterol ruim (LDL), aumentando o risco de hipertensão, infarto e outras doenças do coração.

Além dos danos físicos, o açúcar em excesso pode afetar o humor e a saúde mental, provocando alterações de humor, irritabilidade e até sintomas de depressão. Por isso, é fundamental moderar o consumo de açúcares adicionados, preferindo alimentos naturais, como frutas, e mantendo uma dieta equilibrada e saudável.

Opinião do leitor

Ganso

O técnico Carlos Ancelotti foi mal assessorado na formação da pré lista de convocados. Atabalhoado Danilo reserva do Flamengo não joga nem na minha “pelada”. O mais grave, chama Oscar e deixa Ganso de fora. É o fim da picada.

*Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CONDE ZEPPELIN INICIA VIAGEM PARA O BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin inicia sua viagem para o Rio de Janeiro, fazendo a primeira travessia na Europa, entre Alemanha e Espanha, para aterrisar em Sevilha. Em sessão curta na Câmara, é lido o relatório de que estavam finalizados os trabalhos das comissões preliminares das eleições presidenciais. Perseguições políticas em Natal aumentam.

HÁ 75 ANOS: PLANO SALTE É APROVADO NO CONGRESSO NACIONAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 22 de maio de 1950 foram: Especula-se um possível apoio do PTB para a campanha

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.